

Composição ocupacional por gênero, associação a sindicatos e desigualdades de rendimentos do trabalho no Brasil

Flavia Pereira Xavier*

Maria Carolina Tomás**

Juliana F. Candian***

Resumo: O artigo investiga os padrões de segregação ocupacional por gênero e seus efeitos na remuneração dos indivíduos para o Brasil no ano de 2003. A investigação centra-se na diferenciação de rendimentos entre homens e mulheres em ocupações tipicamente femininas, masculinas e mistas, considerando habilidades individuais de forte efeito sobre os salários, além das características estruturais do mercado de trabalho e, principalmente, se a associação das mulheres em sindicatos contribui para o incremento da renda. Para um tratamento mais adequado da questão, usou-se modelos de regressão quantílica, que estima diferenças nos efeitos das variáveis consideradas ao longo da distribuição da renda.

Palavras-chave: Segregação ocupacional – gênero – associação a sindicato – regressão quantílica.

Código JEL: J31

Introdução

Nas sociedades de classes, fatores naturais como sexo e etnia, ao contrário do que a primeira vista pode parecer, não são limitativos para o desenvolvimento da ordem competitiva. São, na verdade, mecanismos interativos para a realização do próprio sistema (SAFFIOTI, 1979). O

* Doutoranda em Sociologia na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Rua Sôfia, 160, bairro Europa, Belo Horizonte, Minas Gerais. CEP: 31620-250. Tels: (31) 34585640/ (31) 91919536. E-mail: flaviapx@yahoo.com.br

** PhD Student University of California at Berkeley 725 Kula Gulf Way, apt 102, Albany, CA. 94706 Tel: 510-325-7911. E-mail: mariacarolt@yahoo.com

*** Doutoranda em Sociologia no Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro – IUPERJ-UCAM. Rua Pedro Américo, 205/702, Catete, Rio de Janeiro – RJ. CEP: 22211-200.

capitalismo não criou as desigualdades entre sexos, mas as relações de classe capitalista moldam a forma pela qual tais desigualdades funcionam na sociedade (WRIGHT, 1979).

A inserção da mulher na produção capitalista sempre esteve relacionada a contingências econômicas, já que sua exclusão do trabalho remunerado é símbolo de status para as classes mais abastadas. O aumento da participação feminina no mercado de trabalho tem sido analisado intensivamente, assim como a sua localização no setor terciário das atividades econômicas (serviços domésticos, educação infantil, cuidado com idosos, enfermagem etc.). O trabalho remunerado da mulher é visto, em geral, como uma complementação da renda familiar para famílias onde o homem está presente.

As recentes pesquisas sobre diferencial de salários verificam que a maior proporção de mulheres numa ocupação possui efeito negativo nos salários da mesma. Kilbourne et al. (1994) encontraram que nem as demandas a nível ocupacional ou físicas, nem incômodos físicos explicam de modo satisfatório o porquê das diferenças de gênero na remuneração. Ainda, os mecanismos pelos quais a segregação ocupacional por gênero produz diferenças na remuneração não correspondem ao fato de as mulheres estarem em ocupações que demandam menores habilidades.

Ruijter e Huffman (2003) avançam na análise das diferenças salariais entre grupos de ocupações para homens e mulheres. As autoras também analisam essas diferenças dentro dos grupos (ocupações tipicamente femininas, masculinas e mistas) e encontraram que os homens estão em vantagem ocupacional em todos os tipos de ocupações.

Todas essas análises levam em conta fatores como educação, experiência e a estrutura do mercado de trabalho, assim como o tamanho das organizações. Contudo, ainda é preciso explorar, para o Brasil, os padrões de desigualdades de remuneração ao longo do tempo, assim como perceber como a associação das mulheres aos sindicatos influenciou e influencia o hiato salarial existente.

Infelizmente, variáveis importantes para a compreensão dos rendimentos das mulheres, tais como número de horas de afazeres domésticos, não estão presentes nas bases de dados da Pesquisa Nacional por Amostra em Domicílios antes da década de 1990, o que não permite identificar

as mudanças mais importantes para a interação entre sindicato e sexo, pelo menos em hipótese, dar-se-iam das décadas de 1970 para 1980 e, desta para 1990. Já os padrões de desigualdades salariais possuem uma tendência similar durante as décadas. Dessa forma, restringimos a análise para apenas um período.

Três principais questões serão consideradas ao longo deste trabalho: 1. A primeira questão a ser respondida é se a associação a sindicatos possui algum efeito sobre os rendimentos, seja de homens ou de mulheres. Como desdobramento desta questão, investigou-se se a mulher sindicalizada, em relação ao homem não sindicalizado, apresentou incrementos significativos em seus rendimentos; 2. A segunda questão a ser respondida é qual o efeito da associação a sindicatos dentro de cada composição ocupacional, uma vez que estudar a força de trabalho feminina está intrinsecamente ligado a estudar a segmentação ocupacional como fator estruturante das diferenças de rendimentos do trabalho; 3. A última questão, que não poderia deixar de ser levantada, é se a diferença dos rendimentos entre homens e mulheres é diferente segundo o quantil da renda analisada. Espera-se que haja menores diferenças salariais entre os sexos para os mais altos quantis da renda.

Por que as mulheres participam menos ou estão em posições de menor destaque nos sindicatos não é uma questão possível de ser respondida pelos dados disponíveis para a análise. A atuação feminina em organizações sindicais é dificultada pela distribuição dos papéis na família, o que acaba por reforçar a discriminação.

Espera-se que a participação feminina nos sindicatos propicie incremento salarial positivo. Entretanto, as diferenças de rendimentos por gênero não devem ter um fim próximo em uma estrutura marcada por classes sociais que se manifestam diferentemente nas categorias de sexo. Ou seja, a emancipação da mulher não é unilateral, depende de outras relações pertinentes da estrutura social e, principalmente, da sua unicidade enquanto categoria.

O presente artigo está dividido em 5 seções, incluindo esta introdução. A seção seguinte é uma breve revisão de literatura a respeito da economia dos mercados duais e segmentados e a sua relação com a desigualdade entre homens e mulheres no mercado de trabalho. Na terceira seção

apresenta os dados e a metodologia de análise, especificando as variáveis consideradas para o modelo de regressão quantílica. Na quarta seção estão as análises descritivas e inferenciais dos dados, bem como a explicação teórica para os achados. Por fim, na quinta seção, pontuamos os principais achados da análise à guisa de conclusão.

Economia dos mercados duais e segmentados e o novo estruturalismo

As diferenças de remuneração entre os sexos são explicadas pela teoria neoclássica do capital humano como diferenças de capital humano, ou seja, de estoque de habilidades que uma pessoa possui (BECKER, 1971; MINCER, 1974).

O argumento de que desigualdades persistem, mesmo depois de controlar por capital humano, é contraposto pela teoria neoclássica pela noção de diferenciais compensatórios. A remuneração total de um trabalho varia de acordo com o tipo de compensações de cada ocupação, que são pecuniárias (salário) e não-pecuniárias (interesse, risco, desconforto etc.). Trabalhos menos arriscados e confortáveis tendem a estar cheios e com baixos salários; ao contrário, quanto mais onerosos, maior é o salário.

Polachek (1994) defende a tese de que a segregação ocupacional por sexo surge devido aos motivos pecuniários de muitas mulheres ao escolherem ocupações com baixas penalidades por interrupções na sua vida produtiva para dedicarem-se em tempo integral aos afazeres domésticos. Algumas ocupações acarretam um maior risco de desvalorização do que outras. As ocupações predominantemente femininas oferecem às mulheres menores taxas de desvalorização do que elas experimentariam em ocupações predominantemente masculinas. Estas ocupações predominantemente femininas são aquelas que oferecem maiores salários iniciais e, conseqüentemente, menores taxas de valorização ao longo da vida salarial.

England (1994) critica as evidências apresentadas por Polachek e Siebert (1994), uma vez que este não classifica as ocupações por suas

composições sexuais. Uma vez levando-se em consideração as composições sexuais das ocupações, além da escolaridade, da senioridade, o tempo gasto em casa. A conclusão a que England chega é que as mulheres sofrem desvalorização salarial durante o tempo gasto em casa, mas as taxas de desvalorização não dependem de onde elas estão: se em ocupações tipicamente femininas ou masculinas.

A desigualdade de gênero manifesta, por vezes, em recompensas ou compensações, é socialmente construída. As mulheres e habilidades associadas a elas são culturalmente desvalorizadas em comparação aos homens. Neste sentido, a proporção de mulheres numa ocupação possui um efeito negativo nos salários; e as habilidades sociais, tais como “cuidados despendidos a crianças” são desvalorizadas pela sua associação com as mulheres e, assim, provoca um retorno negativo aos salários ou não possuem retorno (SZELÉNYI, 1994).

O novo estruturalismo na pesquisa de estratificação surge como uma reação ao foco exclusivo da pesquisa de alocação de status nas características individuais e familiares, negligenciando o modo pelo qual as posições estruturais dentro do mercado de trabalho afetam as recompensas. A princípio, os novos estruturalistas tomaram emprestados das teorias econômicas da segmentação (AVERITT, 1968) e dos mercados de trabalho segmentados (DOERINGER e PIORE, 1971) as ideias da tese da economia dual (centro e periferia). Recentemente o dualismo unidimensional tornou-se inadequado para representar a segmentação, assim, vários indicadores têm sido desenvolvidos (BARON e BIELBY, 1981; ALTHAUSER e KALLEBER, 1981). As pesquisas do novo estruturalismo tem mostrado que os salários são mais altos em firmas maiores, com maior capital, sindicalizadas e mais lucrativas (England, 1992).

England (1992) demonstra que uma aplicação do novo estruturalismo à desigualdade de gênero mostra que parte do hiato salarial por sexo (de 5% a 15%) nasce da concentração de mulheres em setores econômicos marginais. Assim, a concentração de mulheres em setores marginais é muito menos importante para o hiato salarial do que é a segregação ocupacional, a segregação existe nas firmas em todos os setores.

A autora elabora uma importante pergunta para sua construção teórica do valor comparável. Como o novo estruturalismo está relacionado

à literatura do valor comparável? A teoria do valor comparável atribui a diferença entre rendimentos às relações intraorganizacionais, enquanto o novo estruturalismo atribui essas diferenças às relações entre firmas e setores. Por outro lado, a teoria do valor comparável compartilha com o novo estruturalismo a forte opinião que algumas posições estruturais possuem salários mais baixos não balanceados pelas baixas exigências de capital humano ou por condições de trabalho exigidas pelos diferenciais compensatórios. Em suma, ambos compartilham a ideia de que a teoria neoclássica da “equalização marginal” não se aplica. Assim, num senso mais abstrato, as assertivas da discriminação do valor comparável estão de acordo muito mais com o ponto de vista do novo estruturalismo ao refutar a visão neoclássica e na ênfase que ele dá aos efeitos das características estruturais, bem como a sua ênfase na diferença de rendimentos para a qual não existe de maneira óbvia na teoria funcionalista.

Não propriamente sociológica, mas principalmente econômica, uma visão bastante influente, é a teoria dos mercados duais. A dualidade refere-se a estruturas salariais distintas na economia relacionadas a postos de trabalhos com vantagens e desvantagens.

Piore (1994) entende que a perpetuação da pobreza pode ser entendida em termos do mercado de trabalho dual. Um setor deste mercado, chamado mercado primário, oferece empregos com altos salários, boas condições de trabalho, estabilidade, segurança, equidade na administração das regras de trabalho e chances de promoção. O mercado secundário é composto de empregos menos atrativos, com baixos salários, pobres condições de trabalho, disciplina severa e arbitrária e poucas oportunidades de promoção.

Kilbourne et al. (1994) apontam que os teóricos da economia dual têm enfatizado a habilidade do setor oligopolista em pagar altos salários, aqui teríamos a coincidência entre um setor e o mercado primário. Isto por causa da elasticidade da demanda nos produtos de mercado. Os autores consideram na análise para a primeira lei de Hicks-Marshall as firmas monopolistas em seus produtos de mercado. Essas firmas encaram uma curva demanda menos elástica do que encararia num contexto de competição. Assim, trabalhadores em firmas monopolistas ocupam posição de barganha crescente, comparados aos trabalhadores em firmas cujos preços dos

produtos são fixados competitivamente. Portanto, espera-se uma interação positiva entre sindicalização e concentração de mercado, entretanto, os estudos empíricos encontraram interações negativas. Uma explicação para tal interação está nos ganhos dos trabalhadores nesse setor.

Fonte de dados e método

Os dados desse estudo são provenientes da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios de 2003. Foi analisada uma subamostra de cerca de 130 mil indivíduos composta por homens e mulheres entre 15 e 65 anos.

No primeiro estágio, devido à proporção da amostra que não trabalha (principalmente mulheres), para não causar viés de seletividade amostral, calculamos o modelo probit, onde a variável dependente foi participação ou não na força de trabalho. As variáveis independentes do modelo foram: sexo, idade, posição na família (chefe, cônjuge, filho, outros), número de filhos, anos de escolaridade, número de horas em afazeres domésticos, cor, urbano/rural, grandes regiões do Brasil. A partir dos coeficientes estimados, obtivemos a variável λ (lambda), que será incluída na estimação das equações dos rendimentos para amostra daqueles que participam do mercado de trabalho. Este procedimento foi usado para resolver o problema da seletividade amostral e foi desenvolvido por Heckman (1979).

No segundo estágio, o principal modelo de análise é a Regressão Quantílica. O modelo de regressão quantílica foi primeiramente proposto por Koenker & Bassett (1978, 1982), como forma alternativa à estimação de MQO (mínimos quadrados ordinários), para os casos que não são homocedásticos. As regressões quantílicas são ferramentas importantes para se analisar a forma da distribuição condicional, já que, ao calcular diferentes coeficientes ao longo dos percentis, permite interpretar mudanças nos regressores em vários pontos na distribuição condicional da variável dependente (BUCHINSKI, 1997).

Isso torna a análise interessante e rica, pois pode-se observar que o efeito de algumas variáveis são diferentes ao longo da distribuição, diferentemente do método de mínimos quadrados ordinários (MQO) que,

muitas vezes, apresenta uma visão incompleta do conjunto de dados e da relação entre as variáveis, já que a curva de regressão nesse caso apresenta um resumo das médias da distribuição do conjunto das variáveis explicativas (MACIEL et al., 2001).

Outra justificativa para a utilização da regressão quantílica é a de que a renda apresenta uma distribuição assimétrica e por ser a função da regressão quantílica uma soma ponderada dos desvios absolutos, dá uma medida robusta de alocação, tal que o vetor de coeficientes estimados não é sensível a observações outliers da variável dependente (BUCHINSKI, 1997). Além de possibilitar, como já mencionado, uma análise mais completa da diferenças ao longo da distribuição da renda. Como no cálculo da própria mediana, a regressão mediana pode ser definida pela minimização da soma absoluta dos erros, mais do que, como nos mínimos quadrados, pela minimização das somas dos quadrados – LAD “Least Absolute Deviations”. Portanto, os coeficientes da regressão mediana podem ser obtidos pela minimização ϕ dado por :

$$\phi = \sum_{i=1}^n |y_i - x_i' \beta| = \sum_{i=1}^n (y_i - x_i' \beta) \operatorname{sgn}(y_i - x_i' \beta)$$

onde, $\operatorname{sgn}(a)$ é o sinal de a , 1 se a é positivo e -1 se a é negativo ou 0 (DEATON, 1997:83).

A condição de primeira ordem do modelo é satisfeita pelos parâmetros que a minimizam, isto é, quando $j = 1, \dots, k$:

$$\sum_{i=1}^n x_{ij} \operatorname{sgn}(y_i - x_i' \beta) = 0$$

Para as regressões quantílicas que não a mediana, os coeficientes são dados pela minimização de (DEATON, 1997:83):

$$\phi_q = -(1-q) \sum_{y \leq x' \beta} (y_i - x_i' \beta) + q \sum_{y > x' \beta} (y_i - x_i' \beta) = \sum_{i=1}^n [q - 1(y_i \leq x_i' \beta)] (y_i - x_i' \beta)$$

onde, $0 < q < 1$ é o quantil de interesse, e o valor da função $l(z)$ sinaliza a verdade (1) ou caso contrário (0) da proposição z . A condição de minimização, agora, é a seguinte equação, o que corresponde à condição de primeira ordem anterior quando q é igual a metade:

$$\sum_i x_{ij} [q - 1(y_i \leq x_i' \beta)] = 0$$

Foi calculada uma regressão linear múltipla, usando o método de mínimos quadrados ordinários para efeito de comparação dos resultados, tendo como equação geral:

$$\ln(\text{renda}) = \beta_0 + \beta_1 X_1 + \beta_2 X_2 + \dots + \beta_k X_k + \varepsilon$$

A variável dependente para ambos os modelos foi o logaritmo natural dos rendimentos mensais por horas trabalhadas da ocupação principal dos indivíduos e as variáveis independentes estão apresentadas no quadro abaixo:

Quadro 1 - Variáveis usados nos modelos de regressão

Variáveis	Tipo de codificação/categorias	
Anos de estudos completos	variável contínua	
Experiência	variável contínua	
Sexo	1 = mulher; 0 = homem	
Cor/Raça (pretos e pardos)	1 = branco; 0 = não-branco	
Ocupações tipicamente masculinas	1 = sim; 0 = não	
Ocupações mistas	1 = sim; 0 = não	
Sindicalização	1 = associado; 0 = não-associado	
Posição na família (categoria de referência = outros parentes/agregados)	Chefe	1 = sim; 0 = não
	Cônjuge	1 = sim; 0 = não
	Filho	1 = sim; 0 = não

Localização	1 = urbano; 0 = rural	
Regiões do Brasil (categoria de referência = sudeste)	Norte	1 = sim; 0 = não
	Nordeste	1 = sim; 0 = não
	Sul	1 = sim; 0 = não
	Centro-Oeste	1 = sim; 0 = não
Número de filhos com idade igual ou inferior a 7 anos	variável contínua	
Horas dedicadas aos afazeres domésticos	variável contínua	
Setor	1 = formal; 0 = informal	

Escolaridade e Experiência

Os retornos salariais das chamadas características produtivas, tais como escolaridade e experiência, foram as mais estudadas e, para o Brasil, as taxas de retorno são expressivas, mesmo quando a equação salarial é controlada pelo background familiar. A desigualdade de rendimentos vem sendo estudada predominantemente como função do capital humano, principalmente escolaridade e experiência, seguindo o modelo proposto por Mincer (1958, 1974).

Contudo, tanto a economia institucionalista e a nova estruturalista, tanto quanto a sociologia busca inserir variáveis que explicam mais do que fatores de capital humano, inserindo variáveis da estrutura do mercado de trabalho, das características dos empregos e características adscritivas dos indivíduos.

Composição Sexual das Ocupações

A composição sexual das ocupações também é essencial para a análise da segmentação e das desigualdades no mercado de trabalho. As ocupações predominantemente femininas (onde encontramos a maior proporção de mulheres) encontram-se na periferia ou no mercado secundário e, portanto, dentre as menos sindicalizadas.

Neste artigo, são consideradas ocupações tipicamente femininas aquelas que possuem proporção de mulheres igual ou maior que 57,3%; são consideradas ocupações mistas aquelas que possuem entre 27,3% e 57,2% de mulheres e as ocupações que possuem proporção de mulheres igual ou inferior a 27,2% são consideradas ocupações tipicamente masculinas. A base de cálculo para estes intervalos considera a proporção de mulheres na população economicamente ativa. Em 2003, a PEA feminina era de 42,3%. As ocupações mistas são aquelas com mais ou menos 15% da PEA feminina, os outros intervalos, portanto, são considerados por exclusão, sendo o maior originário das ocupações tipicamente femininas e o menor das masculinas (para o detalhamento desta metodologia, chamada de composição sexual das ocupações dos indivíduos, ver England, 1994 e Oliveira, 2003).

Características não–produtivas: sexo e cor

As características adscritivas – ou chamadas de características pessoais não–produtivas, sexo e cor– tem sido variáveis importantes para a compreensão das desigualdades de rendimentos e a discriminação no mercado de trabalho.

Regiões do País e Localização

Os rendimentos também variam segundo a região do país, dadas as distinções entre tipo de atividade econômica desenvolvida em cada uma delas e a diferença de custo de vida. No mesmo sentido, consideramos as áreas urbana e rural como fatores que interferem nas diferenças entre salários.

Sindicalização

A associação a sindicatos é uma variável que vem sendo tratada há muito na economia dos mercados duais ou segmentados e pelo novo estruturalismo, dado que verificaram que há diferenças salariais segundo firmas sindicalizadas e, ainda, segundo o tipo de mercado: primários ou secundários, centro ou periferia, ainda, que certas ocupações estão aninhadas em um determinado segmento do mercado.

Setor Formal e Informal

Uma segmentação não menos importante nas análises de desigualdades no Brasil é a respeito da formalidade da ocupação. Neste trabalho entendemos como formalidade a precariedade de inserção do indivíduo no mercado de trabalho e não, simplesmente, se ele possui ou não carteira de trabalho assinada. Deste modo, empregadores, trabalhadores por conta própria – considerados como profissionais liberais pelo título ocupacional e escolaridade e trabalhadores com carteira de trabalho assinada – foram considerados como pertencentes ao setor formal da economia. Já os trabalhadores sem carteira de trabalho assinada, conta própria, sem registro, que não são profissionais liberais, foram considerados como pertencentes ao setor informal da economia.

Posição na família, crianças menores de sete anos e afazeres domésticos

Na estimação de salários, uma preocupação essencial é a consideração dos ciclos de vida da mulher e seu papel na família como fatores de inserção no mercado de trabalho e na determinação de rendimentos. Portanto, não devemos olvidar as variáveis que traduzem a composição da família, ou seja, a posição do indivíduo na família, a presença de crianças menores de sete anos e as horas dedicadas aos afazeres domésticos.

Resultados

Descrição da amostra

A seguir apresentamos algumas descrições das principais variáveis da amostra analisada. Observamos pela Tabela 1 que há maior proporção de homens na PEA, associados a sindicatos e no setor formal da economia. A Tabela 2 mostra que a maioria das ocupações são tipicamente femininas (este fato coincide com o tamanho do setor terciário da economia).

Pela Tabela 3, observamos a proporção da associação a sindicatos por composição ocupacional. 20,58% dos indivíduos nas ocupações

tipicamente masculinas são sindicalizados, enquanto que 11,83% dos indivíduos nas ocupações tipicamente femininas são sindicalizados.

Tabela 1 – Proporção de indivíduos na PEA, setor e associados a sindicatos por sexo

	Homens	Mulheres
Proporção na PEA	57,70	42,30
Proporção de associados a sindicatos	17,60	15,88
Proporção no setor formal	50,73	48,34
Proporção no setor informal	49,27	51,66

Fonte: Elaboração própria a partir dos microdados da PNAD-2003

Tabela 2 – Composição ocupacional por sexo (%)

Ocupações tipicamente masculinas	20,31
Ocupações mistas	30,53
Ocupações tipicamente femininas	49,16
TOTAL	100,00

Fonte: Elaboração própria a partir dos microdados da PNAD - 2003

Tabela 3 – Proporção da associação a sindicatos por composição ocupacional por sexo (%)

	Ocupações tipicamente masculinas	Ocupações mistas	Ocupações tipicamente femininas	TOTAL
Não-associado	79,42	82,26	88,17	83,13
Associado	20,58	17,74	11,83	16,87
TOTAL	100,00	100,00	100,00	100,00

Fonte: Elaboração própria a partir dos microdados da PNAD-2003

Já a Tabela 4 mostra as medidas descritivas para os rendimentos dos indivíduos como um todo. Importante frisar que o salário mínimo na semana de referência da pesquisa era de R\$259,70.

Complementarmente, a Tabela 5, mostra as mesmas medidas descritivas separadas por sexo, além das medidas da média dos anos de estudos e das horas dos afazeres domésticos. A média de rendimentos mensais do homem, mesmo considerando rendimentos por horas trabalhadas, é superior aos rendimentos das mulheres, apesar de as mulheres possuírem uma média maior de anos de estudos. As mulheres dedicam-se cinco vezes mais aos afazeres domésticos por semana do que os homens (aqui se trata somente da população economicamente ativa, portanto esta é mais uma comprovação da dupla jornada feminina).

Considerando rendimentos mensais por tipo de ocupações (Tabela 6), temos que o rendimento das ocupações mistas são superiores e os das ocupações tipicamente femininas inferiores. Mas observamos que até o percentil 70 os rendimentos das ocupações masculinas e mistas são muito similares; as maiores diferenças, favoráveis às ocupações mistas, dão-se nos percentis 80 e 90. Já os percentis das ocupações femininas sempre são inferiores aos das ocupações masculinas e aos das mistas, com exceção do percentil 30, em que os valores dos rendimentos para ocupações mistas e femininas são iguais.

Tabela 4 - Medidas descritivas dos rendimentos mensais dos indivíduos (r\$)

Média	674,23
Desvio-padrão	1109,49
Percentis	
10	120,00
20	215,00
30	240,00
40	300,00
50 (mediana)	360,00
60	456,00
70	600,00
80	800,00
90	1500,00

Fonte: Elaboração própria a partir dos microdados da PNAD-2003

Tabela 5 – Medidas descritivas dos rendimentos, anos de estudos e afazeres domésticos por sexo

	Homens	Mulheres
Média dos rendimentos mensais por horas trabalhadas (R\$)	4,75	4,09
Desvio-padrão dos rendimentos por horas (R\$)	13,16	12,12
Média dos rendimentos mensais (R\$)	758,72	541,61
Desvio-padrão dos rendimentos (R\$)	1258,33	805,64
Percentis dos rendimentos mensais (R\$)		
10	150,00	100,00
20	240,00	180,00
30	270,00	240,00
40	340,00	250,00
50 (mediana)	400,00	300,00
60	500,00	380,00
70	650,00	480,00
80	930,00	670,00
90	1500,00	1200,00
Média dos anos de estudos completos	6,90	7,29
Desvio-padrão dos anos de estudos	4,23	4,33
Média das horas dedicadas aos afazeres domésticos (na semana de referência)	5,15	25,71
Desvio-padrão das horas de afazeres domésticos	8,06	18,03

Fonte: Elaboração própria a partir dos microdados da PNAD-2003

Tabela 6 – Rendimentos por composição ocupacional por sexo

	Ocupações tipicamente masculinas	Ocupações mistas	Ocupações tipicamente femininas
Média dos rendimentos mensais (R\$)	605,02	862,74	432,30
Desvio-padrão dos rendimentos	859,25	1438,76	540,67

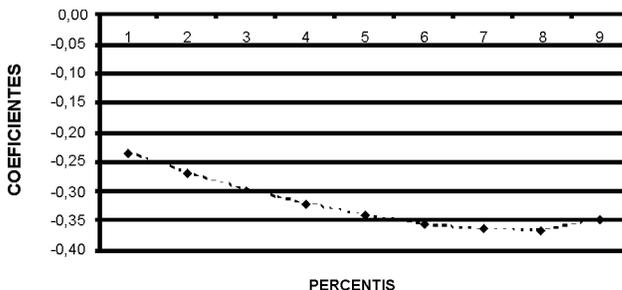
Percentis dos rendimentos mensais			
10	140,00	140,00	100,00
20	240,00	240,00	150,00
30	280,00	240,00	240,00
40	340,00	300,00	240,00
50 (mediana)	400,00	400,00	300,00
60	500,00	500,00	350,00
70	600,00	700,00	420,00
80	800,00	1040,00	550,00
90	1200,00	2000,00	880,00
Média dos rendimentos mensais por horas trabalhadas (R\$)	3,75	5,73	3,34
Desvio-padrão dos rendimentos por horas	10,04	16,91	5,05

Fonte: Elaboração própria a partir dos microdados da PNAD-2003

As desigualdades de rendimentos por percentil segundo o sexo

Controlando por todas as variáveis já mencionadas, o fato de ser mulher eleva, em média, menos 20,88% os rendimentos no percentil 10. Este efeito negativo do sexo ocorre em todos os percentis da renda, como se pode observar no Gráfico 1. No percentil 80 o efeito negativo chega a 30,59%. Entretanto, no percentil 90 há uma leve redução do efeito do sexo. Este resultado confirma a literatura científica a respeito das desigualdades de rendimentos entre homens e mulheres, apesar do controle por variáveis de capital humano e por aquelas relativas à estrutura ocupacional.

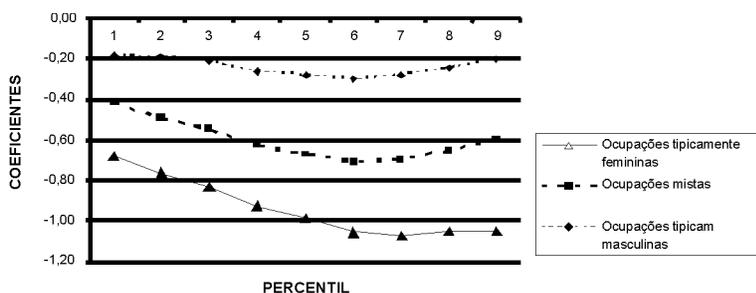
Gráfico 1 – Coeficientes não padronizados do sexo por percentil dos rendimentos



Fonte: microdados da PNAD-2003

No Gráfico 2 observamos o coeficiente do sexo para cada composição ocupacional. A curva inferior refere-se às ocupações tipicamente femininas. Mesmo dentre as ocupações com maior proporção de mulheres, estas tendem a ganhar menos que os homens. As composições ocupacionais por gênero são fatores estruturais importantes para a explicação das desigualdades de renda: o que buscamos evidenciar é a relação entre ocupações e rendimentos.

Gráfico 2 – Coeficientes não padronizados do sexo por percentil dos rendimentos segundo a composição ocupacional



Fonte: microdados da PNAD-2003

O efeito da sindicalização sobre os rendimentos

O que nos interessa não é diretamente o estudo das organizações sindicais frente aos novos padrões das relações de trabalho e ao Estado. Não que este tema seja irrelevante. O que nos chama a atenção para os sindicatos é a sua propriedade como rede de relações sociais, como uma prática associativa que pode gerar benefícios para aqueles que dela participa.

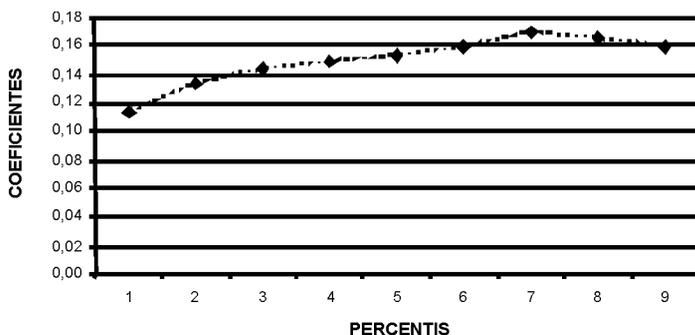
Os benefícios coletivos alcançados pelos sindicatos são extensivos a todo um estrato profissional, independente se o trabalhador é ou não sindicalizado. Mas para os participantes, o sindicato pode ampliar sua rede de relacionamentos, adquirindo maior influência e informação, indispensáveis para sua inserção, permanência e obtenção de melhores cargos e salários no mercado de trabalho. Desta forma, entendemos os sindicatos como uma forma de associação, fora do círculo familiar e de amigos próximos, na qual se formam “laços fracos” de vital importância para o indivíduo participante (ver GRANOVETTER, 1973).

O Gráfico 3 apresenta os coeficientes da sindicalização. Todos os coeficientes são positivos, para ambos os sexos. No percentil 10, participar do sindicato eleva em média 12,06% os rendimentos dos indivíduos em relação àqueles que não participam, mantendo-se tudo mais constante. O incremento percentual aumenta até o percentil 70, estar associado significa um incremento de 18,52% nos rendimentos. Mas este incremento decresce nos percentis 80 e 90, apesar de continuarem positivos e altos (não inferiores ao incremento da mediana), 18,05% e 17,27%, respectivamente.

Uma questão a ser levantada é por que até a mediana os incrementos são menores do que aqueles depois da mediana (percentil 50)? Uma possível resposta pode estar na oferta de influência e informação dos indivíduos com menor renda. E por que o incremento percentual decresce nos dois últimos percentis? Possivelmente porque há maior independência deste tipo de rede de relações dada a acumulação de capital econômico e cultural.

Os coeficientes de todas as variáveis podem ser observados na Tabela 7 no anexo.

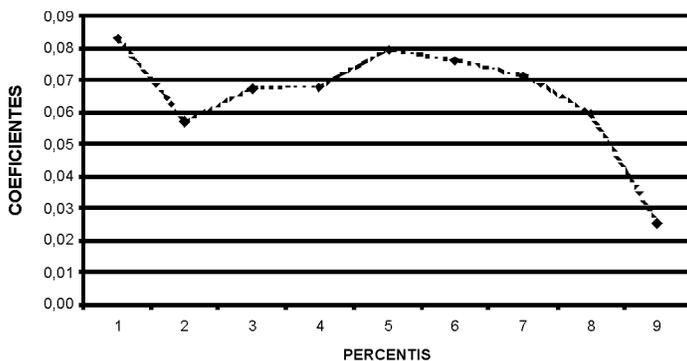
Gráfico 3 – Coeficientes não padronizados do sindicato por percentil dos rendimentos



Fonte: microdados da PNAD-2003

Tendo em vista que a sindicalização se mostrou um fator importante para os rendimentos de todos os indivíduos, a mulher sindicalizada gozaria desses benefícios em relação ao homem não sindicalizado? Segundo o Gráfico 4, a resposta seria sim. Todos os coeficientes do termo interativo entre sexo e sindicato mostraram-se significativos e positivos. Mas o que mais chama a atenção é a diferença da curva.

Gráfico 4 – Coeficientes não padronizados do termo interativo por percentil dos rendimentos



Fonte: microdados da PNAD-2003

No primeiro percentil a importância da sindicalização da mulher se mostrou muito mais elevada em comparação a todos os outros. A mulher sindicalizada no percentil 10 eleva, em média, seus rendimentos em 8,65%, em relação ao homem não sindicalizado, mantendo-se tudo mais constante. Já no percentil 20 há uma queda do efeito, o incremento percentual é de 5,88%; no percentil 30 aumenta, correspondendo a 6,96%, este aumento continua até a mediana que atinge um incremento percentual de 8,27% (o segundo maior depois do percentil 10). Mas depois os efeitos tendem a cair levemente até o percentil 80 e cai bruscamente no percentil 90. Neste a mulher sindicalizada eleva, em média, 2,54% dos seus rendimentos.

Investigando quais eram as ocupações do primeiro e do último percentil dos rendimentos para as mulheres, observamos que no décimo percentil as ocupações predominantes são: auxiliar de serviços gerais (no grupo ocupacional de trabalhadores dos serviços), balconista (no grupo ocupacional de vendedores e prestadores de serviços no comércio), trabalhadora agrícola polivalente (no grupo ocupacional de trabalhadoras na exploração agropecuária) e trabalhador na produção alimentícia (no grupo ocupacional de Trabalhadores da fabricação de alimentos, bebidas e fumo).

Já as ocupações predominantes no nonagésimo percentil são: empregadoras no comércio com mais de 5 empregados (no grupo ocupacional de dirigentes de empresas e organizações, exceto de interesse público), gerentes, supervisoras e chefes comerciais e de vendas (no grupo ocupacional de gerentes), clínico geral e psicólogas (no grupo ocupacional de trabalhadores das ciências biológicas, saúdes e afins) e professores de ensino fundamental, médio, técnico e superior com curso superior (no grupo ocupacional de profissionais de ensino com formação superior).

Tendo em vista estas ocupações mais representativas, percebe-se que a informalização está mais presente no percentil 10 dos rendimentos, assim como grande parte da força de trabalho feminina no setor de serviços. Este percentil é o grupo mais vulnerável do mercado de trabalho, como nele o termo interativo pode apresentar o maior efeito sobre os rendimentos?

Mesmo que estejamos analisando os benefícios individuais da sindicalização, estes são em alguma medida fruto de um amálgama anterior de reivindicações coletivas. A criação do sindicato das empregadas domésticas é um exemplo deste contexto. O que pensamos é que, dada certa estrutura, os indivíduos nela inseridos podem se apropriar de benefícios alcançados. O que devemos entender é a relação, entre as garantias coletivas e a apropriação individual dessas garantias e de suas extensões.

Esta é uma camada da população feminina com menor nível de capital cultural e, obviamente, econômico (já que corresponde aos 10% das mulheres mais pobres). A empregabilidade seria um fator mais facilmente explicável, o mesmo não acontece com os rendimentos. Em trabalho recente, Tomás et al (2004) encontraram que até a mediana o efeito do capital social sobre os rendimentos dos indivíduos era nulo. Nesse trabalho os autores consideraram como capital social a participação em qualquer tipo de associação, seja ela religiosa, política, comunitária, sindical etc. Interessante, neste momento, observar que o efeito separado do sindicato não segue a tendência mostrada por este trabalho, provavelmente devido a sua natureza. Assim a justificativa de redes viciadas de informações para o aumento de salários não seria aplicável ao caso aqui analisado. Esta é uma discussão que ainda merece maior atenção.

O decréscimo do efeito do nono percentil pode ter uma possível explicação na sobreposição das qualificações e do capital econômico sobre a influência das redes de relacionando, mas estas ainda são importantes (significantes e positivas).

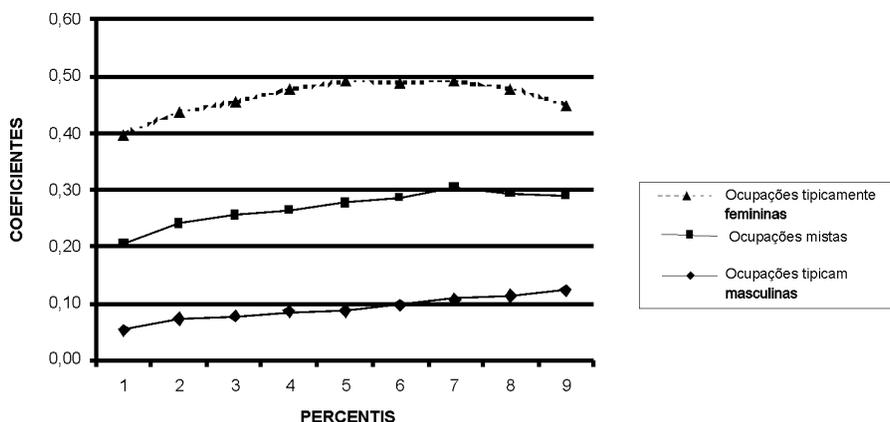
O gráfico 5 apresenta o efeito dos sindicatos em cada composição ocupacional. A curva das ocupações tipicamente femininas apresenta valores mais elevados em todos os percentis, em seguida, as ocupações mistas e, por último, a curva das ocupações tipicamente masculinas. As curvas das ocupações femininas e mistas são semelhantes, o percentil 10 possui um efeito menor e a partir dele este efeito aumenta e começa a decrescer nos percentis 80 e 90 (assim também se comportava a curva do sindicato para todos os indivíduos apresentada anteriormente). Mas a curva para as ocupações masculinas é sempre crescente.

A associação a sindicatos, para ambos os sexos, é mais importante no incremento da renda nas ocupações tipicamente femininas (aquelas que

gozam de menor status ocupacional). O fato de possuírem menor capital econômico faz com que o efeito das redes de relacionamento tenham maior importância, mas isso não demonstra que estas são independentes, mas que em certas circunstâncias uma esfera da estrutura social pode se sobrepor a outra.

Os coeficientes de todas as variáveis para cada composição ocupacional podem ser observados nas tabelas 9, 10 e 11 no anexo.

Gráfico 5 - Coeficientes não padronizados do sindicato por composições ocupacionais por sexo por percentis dos rendimentos



Fonte: microdados da PNAD-2003

Considerações finais

Ao longo deste artigo buscamos responder as seguintes questões: se a associação a sindicatos possui algum efeito sobre os rendimentos tanto para homens quanto para mulheres; se a mulher sindicalizada, em relação ao homem não sindicalizado, apresenta incrementos significativos em seus rendimentos; qual o efeito da associação a sindicatos dentro de cada composição ocupacional, utilizando o método da regressão quantílica, pelo qual observamos as diferenças significativas do efeito da segregação ao longo da distribuição condicional dos rendimentos.

As mulheres elevam menos seus rendimentos, simplesmente pelo fato de serem mulheres, controlando por fatores individuais e estruturais. Fato este já bem trabalhado pela literatura científica.

Os sindicatos possuem efeitos significativos e positivos para ambos os sexos em todos os percentis dos rendimentos do trabalho. Também verificamos que os efeitos da associação aos sindicatos foram maiores para as ocupações tipicamente femininas. O termo interativo (sexo e sindicato) também foi positivo e significativo em todos os percentis da renda, mostrando que a mulher sindicalizada possui incremento positivo nos rendimentos em relação aos homens não sindicalizados.

Algumas questões foram relevantes no presente trabalho e podem suscitar novas investigações: o comportamento das curvas dos coeficientes dos sindicatos, do termo interativo entre sexo e sindicato e os coeficientes dos sindicatos segundo as composições ocupacionais. As principais diferenças foram encontradas nos efeitos percentil 10 e do percentil 90. Buscamos explicar estas diferenças dos efeitos a partir da relação da associação aos sindicatos como redes de relacionamentos e sua interseção com o capital econômico e a qualificação das camadas mais pobres ou mais ricas ou das composições ocupacionais. Este tema ainda merece um desenvolvimento mais detalhado.

Outras questões que se referem à relação do espaço familiar e do trabalho feminino não ganharam evidência neste trabalho, apesar de essas variáveis constarem nas tabelas anexas. Um exemplo disso são como as horas dedicadas aos afazeres domésticos possuem efeito negativo sobre os rendimentos das mulheres. Outro exemplo é o número de filhos com idade igual ou inferior a 7 anos. Esta foi uma variável interessante, já que no momento da análise dos efeitos separados por composição ela sempre foi negativa e significativa para as ocupações tipicamente masculinas em todos os percentis e mostrou ser não significativa nas ocupações mistas e em alguns percentis das ocupações tipicamente femininas.

O que buscamos neste artigo foi contribuir para os estudos da estratificação social e desigualdades com relação às interseções entre gênero e sindicato além de observar como se dá essa relação nas ocupações, a partir do destaque a duas principais variáveis: sindicatos e composição sexual das ocupações e a partir da metodologia aplicada.

A exploração dos dados indicou caminhos interessantes a serem explorados: a sindicalização não afeta positivamente somente os mercados do centro ou primários, mas é fator relevante nos mercados periféricos, nos quais se encontram as ocupações tipicamente femininas.

Occupational composition by gender, association to labor unions and inequality of labor earnings in Brazil

Abstract: The paper investigates gender occupational segregation and its effects on individual earnings in Brazil in the year 2003. The focus is on earnings' differences within typically feminine, masculine, and mixed occupations. Moreover, we analyze if female association to labor unions contributes to increasing the earnings. We used quantile regression, considering the effects of individual skills, labor market structure, and especially association to labor unions on the earnings.

Key-words: Occupational segregation – gender – association to labor unions – regression quantile

Código JEL: J31

Referências bibliográficas

ALTHAUSER, Robert D.; KALLEBERG, Arne L. "Firms, Occupations, and the Structure of Labor Markets: A Conceptual Analysis." In: BERG, Ivar (Ed.). *Sociological perspectives on labor markets*. New York: Academic Press, 1981.

AVERITT, R. T. *The Dual Economy: The Dynamics of American Industry Structure*. New York: Norton, 1968.

BARON, James B.; BIELBY, William T. "Bringing the firms back in: stratification, segmentation, and the organization of work." *American Sociological Review*. vol. 45, out. 1980.

BECKER, G. *Human Capital: A Theoretical and Empirical Analysis with Special Reference to Education*. New York: NBER/Columbia University Press, 1964.

BUCHINSKY, M. "Recent Advances in Quantile Regression Models: A Practical Guideline for Empirical Research." *Journal of Human Resources*. vol.1, no 33, pp. 88- 126, 1997.

DEATON, A. *The Analysis of Household Surveys*. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1997.

DOERINGER, P.; PIORE, M. *Internal Labor Markets and Manpower Analysis*. Lexington; Massachusetts: Health, 1971.

ENGLAND, Paula *Comparable Worth: theories and evidence*. New York: Aldine de Gruyter, 1992.

ENGLAND, Paula. "Wage Appreciation and Depreciation: A Test of Neoclassical Economic Explanations of Occupational Sex Segregation." In: GRUSKY, David (Org.). *Social Stratification: Class, Race and Gender in Sociological Perspective*. Bolder: Westview Press, 1994.

GRANOVETTER, M. S. "The Strength of Weak Ties." *American Journal of Sociology*, vol.78, no4, pp.1360-1380, 1973.

HECKMAN, J.J. "Sample selection bias as a specification error." *Econometrica*, vol. 47, no1, pp.153-161, 1979.

KILBOURNE, B. S.; ENGLAND, P.; FARKAS, G.; BERON, K.; WEIR, D. "Returns to Skill, Compensating Differentials, and Gender Bias: Effects of Occupational Characteristics on the Wages of White Women and Men." In: GRUSKY, David (Org.). *Social Stratification: Class, Race and Gender in Sociological Perspective*. Bolder: Westview Press, 1994.

KOENKER, R.; BASSET, G. "Regression Quantiles." *Econometrica*, 46(1), pp. 33- 50, 1978.

KOENKER, R.; BASSET, G. "Robust Tests for Heteroscedasticity Based on Regression Quantiles." *Econometrica*, no50, pp. 43-61, 1982.

MACIEL, M.C.; CAMPÊLO, A.K.; RAPOSO, M.C.F. "A Dinâmica das Mudanças na Distribuição Salarial e no Retorno em Educação para Mulheres: uma aplicação de regressão quantílica." In: *Anais do Encontro ANPEC*, 2001.

MINCER, J. "Investment in human capital and personal income distribution." *Journal of Political Economy*, 66(4): pp. 281-302, 1958.

MINCER, J. *Schooling, Experience and Earnings*. New York: NBER Press, 1974.

PIORE, Michael J. "The Dual Labor Market: Theory and implications." In: GRUSKY, David (Org.). *Social Stratification: Class, Race and Gender in Sociological Perspective*. Bolder: Westview Press, 1994.

POLACHEK, Solomon W.; SIEBERT, Stanley W. "Gender in the Labor Market." In: GRUSKY, David (Org.). *Social Stratification: Class, Race and Gender in Sociological Perspective*. Bolder: Westview Press, 1994.

PSACHAROPOULOS, George. "The Marginal Contribution of Education to Economic Growth." *Economic Development and Cultural Change* 20, n 4, 641-58, July, 1972.

OLIVEIRA, A. M. H. de. "A segregação ocupacional por gênero e seus efeitos sobre os salários no Brasil." In: WAJMAN, Simone; MACHADO, Ana Flávia. *Mercado de Trabalho: uma análise a partir das pesquisas domiciliares no Brasil*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003.

RUIJTER, J.; HUFFMAN, M. "Gender composition effects in the Netherlands: a multilevel analysis of occupational wage inequality." *Social Science Research*, vol. 32, no 4, pp. 659-698, 2003.

SAFFIOTI, H. *A mulher na sociedade de classes: mito e realidade*. Petrópolis: Vozes, 1979.

SZELÉNYI, Szonja. "Women and the Class Structure". In: GRUSKY, David (Org.). *Social Stratification: Class, Race and Gender in Sociological Perspective*. Bolder: Westview Press, 1994.

WRIGHT, Erik. *Class structure and income determination*. Madison: Academic Press, 1979.

Data de envio do artigo: 5/5/2008

Data de aprovação: 8/07/2009

ANEXO

Tabela 7 - Coeficientes não padronizados por percentil dos rendimentos - Modelo I

Variáveis	Linear	10		20		30		40		50		60		70		80		90	
		B	b	B	b	B	b	B	b	B	b	B	b	B	b	B	b	B	b
sexo (mulher = 1)	-0,325	-0,234	-0,269	-0,298	-0,323	-0,341	-0,357	-0,367	-0,348										
raça raça (brancos = 1)	0,099	0,095	0,083	0,079	0,072	0,072	0,076	0,101	0,122										
Chefe	0,822	0,426	0,555	0,666	0,755	0,840	0,918	0,992	1,052										
Cônjuge	0,496	0,276	0,340	0,398	0,433	0,482	0,533	0,572	0,620										
Filho	-0,287	-0,161	-0,203	-0,216	-0,250	-0,270	-0,291	-0,323	-0,401										
número de filhos menores de 7 anos	-0,023	-0,030	-0,020	-0,018	-0,018	-0,017	-0,016	-0,017	-0,016										
anos de estudos completos	0,142	0,094	0,108	0,119	0,130	0,140	0,150	0,167	0,176										
Experiência	0,006	0,005	0,006	0,006	0,007	0,007	0,007	0,008	0,009										
experiência ao quadrado	-0,000	-0,000	-0,000	-0,000	-0,000	-0,000	-0,000	-0,000**	0,000****										
horas de afazeres domésticos	-0,020	-0,011	-0,014	-0,017	-0,019	-0,021	-0,022	-0,023	-0,025										
área área urbana ou rural (urbana = 1)	0,352	0,331	0,329	0,327	0,325	0,339	0,349	0,372	0,368										
região norte	-0,171	-0,140	-0,160	-0,174	-0,179	-0,177	-0,184	-0,186	-0,166										
região nordeste	-0,418	-0,470	-0,439	-0,423	-0,408	-0,400	-0,392	-0,383	-0,367										
região sul	-0,046	-0,022**	-0,030	-0,042	-0,043	-0,045	-0,050	-0,056	-0,066										
região centro-oeste	-0,019**	-0,024**	-0,039	-0,043	-0,044	-0,042	-0,037	-0,031	-0,023**										

ocupações mistas	0,123	0,029	0,039	0,055	0,065	0,084	0,105	0,141	0,184	0,251
ocupações tipicamente masculinas	0,077	0,016***	0,031	0,037	0,049	0,063	0,079	0,106	0,131	0,190
setor formal ou informal (formal =1)	0,272	0,494	0,375	0,309	0,268	0,230	0,200	0,168	0,127	0,078
associação a sindicalizado (associado =1)	0,145	0,114	0,133	0,144	0,149	0,153	0,160	0,170	0,166	0,159
Lambda	-2,141	-0,928	-1,403	-1,728	-2,029	-2,284	-2,495	-2,703	-2,841	-2,943
Constante	0,861	-0,381	0,154	0,493	0,795	1,023	1,221	1,428	1,661	1,938
R2	0,475									
Pseudo-R2		0,294	0,265	0,264	0,271	0,279	0,288	0,300	0,310	0,311
N	128877	128877	128877	128877	128877	128877	128877	128877	128877	128877

Fonte: Elaboração própria a partir dos Microdados da PNAD-2003
 Variável dependente: LN dos rendimentos mensais por horas trabalhadas

Os coeficientes sem * são significativos a 0,01

** significativo a 0,05

*** significativo a 0,10

**** não significativo

Tabela 8 - coeficientes não padronizados por percentil dos rendimentos - modelo II

Variáveis	Linear		10		20		30		40		50		60		70		80		90	
	b	B	b	B	b	B	b	B	b	B	b	B	b	B	b	B	b	B	b	B
sexo (mulher = 1)	-0,338	-0,248	-0,311	-0,280	0,078	0,082	-0,335	-0,353	0,073	0,071	0,074	0,085	0,101	0,085	0,378	-0,381	0,121	0,101	0,356	-0,356
raça (brancos = 1)	0,098	0,095	0,078	0,082	0,078	0,082	0,073	0,071	0,073	0,071	0,074	0,085	0,101	0,085	0,378	-0,381	0,121	0,101	0,356	-0,356
Chefe	0,829	0,428	0,674	0,561	0,674	0,561	0,760	0,843	0,760	0,843	0,932	1,005	1,034	1,005	1,034	1,034	1,056	1,034	1,056	1,056
Cônjuge	0,497	0,272	0,401	0,341	0,401	0,341	0,434	0,484	0,434	0,484	0,534	0,576	0,594	0,576	0,594	0,621	0,621	0,621	0,621	0,621
Filho	-0,289	-0,162	-0,217	-0,204	-0,217	-0,204	-0,251	-0,273	-0,251	-0,273	-0,296	-0,324	-0,380	-0,324	-0,380	-0,402	-0,402	-0,402	-0,402	-0,402
número de filhos menores de 7 anos	-0,023	-0,030	-0,019	-0,021	-0,019	-0,021	-0,017	-0,017	-0,017	-0,017	-0,015	-0,014	-0,017	-0,015	-0,014	-0,016	-0,016	-0,016	-0,016	-0,016
anos de estudos completos	0,142	0,094	0,120	0,109	0,120	0,109	0,130	0,141	0,130	0,141	0,151	0,159	0,168	0,159	0,168	0,176	0,176	0,176	0,176	0,176
Experiência	0,006	0,005	0,006	0,006	0,006	0,006	0,007	0,007	0,007	0,007	0,007	0,007	0,007	0,007	0,007	0,009	0,009	0,009	0,009	0,009
experiência ao quadrado	-0,000	-0,000	-0,000	-0,000	-0,000	-0,000	-0,000	-0,000	-0,000	-0,000	-0,000	-0,000	-0,000	-0,000	-0,000	-0,000	-0,000	-0,000	-0,000	-0,000
horas de afazeres domésticos	-0,020	-0,011	-0,017	-0,014	-0,017	-0,014	-0,019	-0,021	-0,019	-0,021	-0,022	-0,024	-0,024	-0,024	-0,024	-0,025	-0,025	-0,025	-0,025	-0,025
area área urbana ou rural (urbana = 1)	0,353	0,329	0,329	0,328	0,329	0,328	0,326	0,338	0,326	0,338	0,353	0,363	0,373	0,363	0,373	0,369	0,369	0,369	0,369	0,369
região norte	-0,172	-0,140	-0,176	-0,159	-0,176	-0,159	-0,180	-0,177	-0,180	-0,177	-0,184	-0,187	-0,196	-0,187	-0,196	-0,166	-0,166	-0,166	-0,166	-0,166
região nordeste	-0,420	-0,475	-0,424	-0,440	-0,424	-0,440	-0,409	-0,401	-0,409	-0,401	-0,394	-0,386	-0,377	-0,386	-0,377	-0,366	-0,366	-0,366	-0,366	-0,366
região sul	-0,046	-0,024	-0,041	-0,031	-0,041	-0,031	-0,044	-0,044	-0,044	-0,044	-0,049	-0,055	-0,072	-0,055	-0,072	-0,065	-0,065	-0,065	-0,065	-0,065

região centro-ocste	-0,020	-0,025	-0,038	-0,043	-0,044	-0,043	-0,039	-0,033	-0,023	-0,001
ocupações mistas	0,121	0,030	0,036	0,053	0,065	0,083	0,104	0,142	0,184	0,248
ocupações tipicamente masculinas	0,075	0,017**	0,031	0,036	0,050	0,062	0,079	0,105	0,129	0,189
sector formal ou informal (formal = 1)	0,272	0,492	0,375	0,309	0,267	0,230	0,199	0,167	0,126	0,079
associação a sindicato (associado = 1)	0,122	0,085	0,111	0,120	0,126	0,124	0,134	0,144	0,141	0,150
Lambda	-2,164	-0,934	-1,420	-1,750	-2,047	-2,293	-2,548	-2,735	-2,872	-2,963
sexo*sindicato	0,066	0,083	0,057	0,067	0,068	0,079	0,076	0,071	0,060	0,025
Constante	0,881	-0,370	0,170	0,513	0,808	1,035	1,256	1,450	1,686	1,953
R2	0,475									
Pseudo-R2 (para a regressão quantílica)		0,294	0,265	0,264	0,271	0,279	0,288	0,300	0,311	0,311
N	130562	130562	130562	130562	130562	130562	130562	130562	130562	130562

Fonte: Elaboração própria a partir dos Microdados da PNAD-2003
 Variável dependente: LN dos rendimentos mensais por horas trabalhadas
 Os coeficientes sem * são significativos a 0,01
 ** significativo a 0,05
 *** significativo a 0,10
 **** não significativo

Tabela 9 – Coeficientes não padronizados por percentil dos rendimentos – ocupações tipicamente masculinas

Variáveis	10		20		30		40		50		60		70		80		90		
	B	b	B	b	B	b	B	b	B	b	B	b	B	b	B	b	B	b	
sexo (mulher = 1)	-0,185	-0,192	-0,211	-0,261	-0,283	-0,299	-0,281	-0,245	-0,199	-0,135	-0,056	-0,044	-0,038	-0,039	-0,039	-0,039	-0,039	-0,039	-0,039
raça (brancos = 1)	0,097	0,094	0,087	0,079	0,075	0,079	0,092	0,109	0,135	0,161	0,185	0,192	0,211	0,261	0,283	0,299	0,281	0,245	0,199
Chefe	0,302	0,400	0,462	0,572	0,645	0,708	0,744	0,815	0,871	0,907	0,932	0,947	0,957	0,964	0,969	0,972	0,974	0,975	0,976
Cônjuge	0,159	0,249	0,268	0,344	0,363	0,397	0,404	0,453	0,479	0,494	0,504	0,514	0,524	0,534	0,544	0,554	0,564	0,574	0,584
Filho	-0,150	-0,127	-0,158	-0,181	-0,222	-0,255	-0,287	-0,310	-0,347	-0,374	-0,401	-0,428	-0,455	-0,482	-0,509	-0,536	-0,563	-0,590	-0,617
número de filhos menores de 7 anos	-0,031	-0,038	-0,038	-0,039	-0,039	-0,038	-0,040	-0,044	-0,056	-0,068	-0,080	-0,092	-0,104	-0,116	-0,128	-0,140	-0,152	-0,164	-0,176
anos de estudos completos	0,070	0,077	0,083	0,092	0,101	0,111	0,120	0,131	0,145	0,159	0,173	0,187	0,201	0,215	0,229	0,243	0,257	0,271	0,285
Experiência	0,007	0,007	0,007	0,007	0,008	0,008	0,008	0,009	0,010	0,011	0,011	0,011	0,011	0,011	0,011	0,011	0,011	0,011	0,011
experiência ao quadrado	-0,0003	-0,0003	-0,0003	-0,0003	-0,0003	-0,0002	-0,0002	-0,0002	-0,0002	-0,0002	-0,0002	-0,0002	-0,0002	-0,0002	-0,0002	-0,0002	-0,0002	-0,0002	-0,0002
horas de afazeres domésticos	-0,008	-0,010	-0,012	-0,013	-0,015	-0,016	-0,017	-0,019	-0,021	-0,023	-0,025	-0,027	-0,029	-0,031	-0,033	-0,035	-0,037	-0,039	-0,041
area área urbana ou rural (urbana = 1)	0,473	0,410	0,382	0,354	0,344	0,328	0,303	0,279	0,210	0,161	0,112	0,063	0,014	-0,035	-0,084	-0,133	-0,182	-0,231	-0,280
região norte	-0,175	-0,190	-0,199	-0,209	-0,211	-0,208	-0,210	-0,203	-0,161	-0,112	-0,063	-0,014	0,035	0,084	0,133	0,182	0,231	0,280	0,329
região nordeste	-0,597	-0,525	-0,493	-0,472	-0,469	-0,457	-0,439	-0,420	-0,401	-0,382	-0,363	-0,344	-0,325	-0,306	-0,287	-0,268	-0,249	-0,230	-0,211

região sul	0,005*****	-0,033	-0,038	-0,038	-0,033	-0,040	-0,053	-0,051	-0,042***
região centro-oeste	-0,048	-0,053	-0,054	-0,059	-0,055	-0,047	-0,039	-0,018*****	0,002*****
setor formal ou informal (formal = 1)	0,446	0,349	0,303	0,274	0,244	0,209	0,179	0,148	0,109
associação a sindicato (associado = 1)	0,055	0,074	0,079	0,087	0,089	0,098	0,108	0,114	0,123
Lambda	-0,549	-0,763	-1,013	-1,396	-1,686	-1,934	-2,058	-2,240	-2,466
Constante	-0,494	-0,080*****	0,282	0,671	0,974	1,245	1,457	1,709	2,149
Pseudo-R2	0,299	0,259	0,244	0,237	0,230	0,227	0,226	0,226	0,228
N	43841	43841	43841	43841	43841	43841	43841	43841	43841

Fonte: Elaboração própria a partir dos Microdados da PNAD-2003

Variável dependente: LN dos rendimentos mensais por horas trabalhadas

Os coeficientes sem * são significativos a 0,01

** significativo a 0,05

*** significativo a 0,10

***** não significativo

Tabela 10 - Coeficientes não padronizados por percentil dos rendimentos - ocupações mistas

Variáveis	10		20		30		40		50		60		70		80		90	
	b		b		b		b		b		b		b		b		b	
sexo (mulher = 1)	-0,233		-0,301		-0,338		-0,367		-0,389		-0,405		-0,415		-0,408		-0,396	
raça raça (brancos = 1)	0,088		0,077		0,067		0,066		0,075		0,075		0,093		0,124		0,171	
Chefc	0,545		0,705		0,853		0,969		1,046		1,106		1,194		1,221		1,160	
Cônjuge	0,317		0,386		0,458		0,522		0,570		0,631		0,708		0,746		0,762	
Filho	-0,168		-0,266		-0,297		-0,306		-0,338		-0,354		-0,360		-0,384		-0,417	
número de filhos menores de 7 anos	-0,026		-0,014**		-0,006***		-0,006***		-0,006***		-0,005***		-0,004***		-0,004***		-0,014***	
anos de estudos completos	0,110		0,130		0,144		0,156		0,167		0,177		0,186		0,191		0,192	
Experiência	0,005		0,005		0,005		0,006		0,006		0,007		0,006		0,007		0,009	
experiência ao quadrado	-0,0002		-0,0002		-0,0002		-0,0002		-0,0002		-0,0002		-0,0001		-0,000**		-0,000***	
horas de afazeres domésticos	-0,015		-0,020		-0,024		-0,026		-0,028		-0,029		-0,030		-0,031		-0,029	
área urbana ou rural (urbana = 1)	0,218		0,264		0,303		0,323		0,350		0,373		0,408		0,437		0,494	
região norte	-0,129		-0,147		-0,156		-0,141		-0,139		-0,135		-0,125		-0,110		-0,066	
região nordeste	-0,407		-0,388		-0,382		-0,370		-0,349		-0,335		-0,311		-0,301		-0,248	
região sul	-0,046		-0,040		-0,044		-0,044		-0,050		-0,059		-0,062		-0,074		-0,073	

região centro-ocste	-0,019****	-0,041	-0,041	-0,029	-0,019****	-0,018****	-0,006****	0,025	0,075
setor formal ou informal (formal = 1)	0,473	0,366	0,298	0,264	0,233	0,209	0,178	0,146	0,111
associação a sindicato (associado = 1)	0,151	0,165	0,175	0,177	0,188	0,188	0,194	0,180	0,166
Lambda	-1,318	-2,035	-2,487	-2,781	-3,025	-3,144	-3,301	-3,333	-3,166
Constante	-0,122****	0,540	0,935	1,185	1,401	1,543	1,698	1,859	2,004
Pseudo-R2	0,296	0,284	0,217	0,314	0,330	0,347	0,361	0,365	0,347
N	54893	54893	54893	54893	54893	54893	54893	54893	54893

Fonte: Elaboração própria a partir dos Microdados da PNAD 2003

Variável dependente: LN dos rendimentos mensais por horas trabalhadas

Os coeficientes sem * são significativos a 0,01

** significativo a 0,05

*** significativo a 0,10

**** não significativo

Tabela 11 - Coeficientes não padronizados por percentil dos rendimentos - ocupações tipicamente femininas

Variáveis	10	20	30	40	50	60	70	80	90
	b	b	B	b	b	b	b	b	b
sexo (mulher = 1)	-0,257	-0,270	-0,285	-0,295	-0,314	-0,347	-0,376	-0,394	-0,450
raça raça (brancos = 1)	0,059	0,066	0,060	0,044	0,025**	0,013****	0,015****	0,005****	-0,014****
Chcfc	0,541	0,612	0,690	0,742	0,832	0,925	0,998	0,995	1,195
Cônjuge	0,350	0,367	0,411	0,429	0,476	0,523	0,539	0,513	0,612
Filho	-0,184	-0,237	-0,236	-0,272	-0,294	-0,307	-0,353	-0,406	-0,440
número de filhos menores de 7 anos	-0,013****	0,007****	0,008****	0,008****	0,011****	0,015****	0,026	0,028	0,037
anos de estudos completos	0,103	0,117	0,125	0,132	0,143	0,152	0,160	0,165	0,181
Experiência	0,004	0,005	0,006	0,005	0,005	0,005	0,004	0,004	0,003
experiência ao quadrado	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	-0,000****	-0,000****
horas de afazeres domésticos	-0,012	-0,015	-0,016	-0,017	-0,019	-0,020	-0,022	-0,022	-0,026
área urbana ou rural (urbana = 1)	0,327	0,298	0,290	0,286	0,295	0,305	0,328	0,320	0,402
região norte	-0,169	-0,170	-0,198	-0,220	-0,238	-0,248	-0,274	-0,298	-0,307
região nordeste	-0,468	-0,441	-0,440	-0,441	-0,441	-0,445	-0,452	-0,460	-0,490
região sul	-0,000****	-0,024****	-0,042	-0,046	-0,053	-0,060	-0,081	-0,103	-0,091

região centro-ocste	-0,045**	-0,058	-0,064	-0,078	-0,098	-0,112	-0,126	-0,102	-0,084
setor formal ou informal (formal =1)	0,560	0,404	0,321	0,276	0,226	0,198	0,162	0,115	0,047
associação a sindicato (associado =1)	0,192	0,197	0,197	0,212	0,213	0,201	0,188	0,184	0,158
Lambda	-1,213	-1,567	-1,761	-1,975	-2,247	-2,526	-2,783	-2,903	-3,442
Constante	-0,322	0,182**	0,455	0,724	0,991	1,271	1,555	1,877	2,379
Pseudo-R2	0,2969	0,2578	0,249	0,253	0,258	0,265	0,272	0,279	0,269
N	30143	30143	30143	30143	30143	30143	30143	30143	30143

Fonte: Elaboração própria a partir dos Microdados da PNAD-2003
 Variável dependente: LN dos rendimentos mensais por horas trabalhadas
 Os coeficientes sem * são significativos a 0,01
 ** significativo a 0,05
 *** significativo a 0,10
 ***** não significativo